

BERNARDO GUIMARÃES E A SÁTIRA ROMÂNTICA

Renato da Silva FONSECA¹

Pesquisador de Línguas Indígenas ó Tupi / Nheengatu ó,
Onomástica Urbana (Toponímia) e Indígena ó USP

RESUMO: Este artigo aborda temática pouco comum na crítica literária brasileira: a sátira romântica. De modo especial, aponta para aspectos da poesia satírica de Bernardo Guimarães, como oportunidade de tratar de dualidades presentes no projeto artístico romântico brasileiro, tal como se apresentou no projeto estético dos próprios românticos e como viria a se apresentar, posteriormente, como ecos estéticos em escritores pós-românticos.

Palavras-chave: Romantismo. Poesia. Bernardo Guimarães. Sátira.

I

A sátira erótica de Bernardo Guimarães, encontrada em obras como o *Elixir do Pajé* e a *Origem do Menstruo*, foi ignorada pelo òcânone cultoö e permaneceu intacta por quase todo o século XX, relegada a um segundo plano de ação, como uma espécie de projeção estética alternativa e de ògosto popular.ö

A abordagem de tal faceta da obra de Guimarães mostra-se extremamente produtiva para se compreender mais profundamente o tempo Romântico brasileiro, a despeito de a crítica nacional nunca lhe ter concedido o devido mérito, uma vez que sempre tendeu para se pautar em uma suposta unidade de escola, mais francamente representada por autores como

¹ Endereço eletrônico: renato.silva.fon@gmail.com

José de Alencar ou Gonçalves Dias. No entanto, essa suposta unidade simplesmente se desconstrói diante de obras como as de Bernardo Guimarães que, alimentadas por elementos da alta literatura do século XIX brasileiro, intencionaram, todavia, mais especialmente, caminhar também pelo gênero baixo, pelo riso e pelo divertimento.

Há quase um século, portanto, leituras sobre o período romântico brasileiro têm caído em lugares comuns, entre eles, o de se tentar explicar todas as manifestações românticas brasileiras como versões tupiniquins de byronismos, satanismos, nacionalismos, etc. Não se trata, aqui, de negar o poder de influência de tais vertentes estrangeiras sobre o Romantismo nacional, pois é evidente que este contou com tais influências para dar início à sua própria reflexão literária como uma poética independente. Entretanto, chamamos a atenção para a necessidade de entendermos que, se tais influxos estéticos e ideológicos serviram de começo para o Romantismo nacional, não lhe serviram, contudo, para dar-lhe os contornos e acabamentos, podendo circunscrevê-lo, finalmente, como um todo.

Desse modo, a análise que aqui se propõe não se sujeita a um tratamento formal e estético habitual da poesia romântica, tão pouco de sua elementar e proposital proximidade com as composições indianistas em voga no XIX, como as de Gonçalves Dias. O que se pretende, mais ricamente, é evidenciar a contribuição e a importância de uma obra como o *Elixir do Pajé* na construção de uma outra dimensão, de uma outra complexidade e de outra possibilidade do tempo romântico brasileiro.

II

*Eis me, portanto, sozinho sobre a Terra, sem outro irmão, próximo, amigo ou
companhia que a mim mesmo.*

[Jean-Jacques Rousseau]

Na *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, de Jean-Jacques Rousseau, lê-se a conclusão de uma obra que lança no cosmo literário e no universo do pensamento humano, as bases do Romantismo. Ao ver-se sozinho no mundo, o filósofo coloca-se fora dele e o fato de perceber-se em um dado tempo, momento histórico ou artístico, plenamente compreendido e definido, aparece ao pensador como pura prática de negação do presente. Em outras palavras, o classificar uma época da qual se é contemporâneo, é, de fato, considerá-la como transcorrida

e ultrapassada. Esse foi justamente o exercício feito por Bernardo Guimarães em seu *Elixir do Pajé*, ao pensar seu próprio enquadramento.

Em Rousseau, o tema e a imagem da solidão do filósofo representaram a negação de si e do mundo, transpondo o rompimento das revoluções políticas, científicas, filosóficas e literárias em direção da modernização da vida. Em Guimarães, representaram a transgressão de uma das faces do próprio projeto romântico brasileiro.

Segundo o poeta e crítico Octávio Paz, somos *Os Filhos do Barro*, transgressores desde tempos imemoráveis ou demarcados na história. De acordo com esta história, a partir da Renascença iniciamos uma *Tradição da Ruptura*, que alcançou o seu ápice representativo e sua maturação, justamente, no Romantismo.

Toda tradição de ruptura seria, desse modo, movimento de retorno, o que nos levaria, nesse sentido, segundo Paz, a atentar também para a peculiaridade desse movimento no momento romântico, quando ele se propõe a um reencontro com o tempo original dos homens.

Schopenhauer, por sua vez, também nos mostra um caminho da negação das negações para se compreender o mundo, a rejeição de todos os passados anteriores, que nos conduz então, a um pretérito indizível, para a não-linguagem, à alma primeira do homem, que, na literatura romântica europeia, liga-se tanto ao mundo greco-latino quanto à idade média, mas, na literatura romântica brasileira, liga-se à figuração e aos temas do universo indígena.

Indianismo e antiguidade clássica e medieval, caminhos percorridos pelo *Gênio Romântico* da negação plena e do retorno ao imemorável, a busca de uma reminiscência do eu primeiro, primordial, no mundo material. Este *Gênio*, no Brasil, traduziu-se de várias formas, do herói índio, caboclo e branco colono, às imagens poéticas de um eu sensível em busca de um sentido.

No entanto, ao ler o *Elixir do Pajé*, de Bernardo Guimarães, não auscultamos tal *Gênio*, ao contrário, surpreendemos a sua negação, a negação de seu próprio tempo, o que, por si só, representaria também a rejeição dos momentos anteriores em favor de uma individualidade absoluta. Nesse sentido, a sátira de Guimarães se põe, assim como sugerem Paz e Schopenhauer, como a renegação de um tempo em que se nega.

III

Como já sugerimos, a fortuna crítica confere pouca atenção à poesia satírica erótica de Bernardo Guimarães. Assim, não por acaso, aqueles que mais lhe darão atenção serão, justamente, modernistas do século XX, pois notariam na obra *Elixir do Pajé*, a antecipada presença do tom moderno e crítico, que, nesse sentido, seria uma negação e desprendimento do próprio tempo romântico.

Manuel Bandeira, em *Apresentação da Poesia Brasileira* e em *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*, elegeu Bernardo Guimarães como um dos poetas mais importantes do Romantismo brasileiro, destacando seu poema o *Devanear de um Cépticoö* como sua obra prima.

Ramos, em sua *Poesia Romântica: Antologia* (1979), lembra-nos a importância que Bandeira concedeu a este poema, mas, ainda assim, limita-se a repetir o que disse o habitante de *Pasárgadaö* sobre ele.

Para Bandeira e Ramos, em o *Devanear de um Cépticoö*, podemos encontrar todas as manifestações primordiais do pensamento romântico, toda a filosofia deste momento em imagens simples criadas pelo poeta: a avezinha voando por um deserto, a busca fracassada por um ramo, uma sombra e a dúvida do ser que permanece até depois da morte... todos, elementos que tão bem elucidam a situação romântica da negação de tudo e procura do primordial.

Em uma antologia de poemas, Alphonsus de Guimarães Filho, reuniu posteriormente as *Poesias Completas* de seu pai; *Poesias Completas* que não são, na verdade, completas, pois excluíram a poesia erótica de Bernardo Guimarães, a partir do consentimento do organizador, como lemos na introdução à obra: *“Lá fomos buscar para essa edição, que só não apresenta, como é óbvio, os poemas eróticos de Bernardo Guimarães.”* Só muito depois, em *Bernardo Guimarães, Poesia Erótica e Satírica*, de Duda Machado, encontraremos uma nova grande contribuição para a compreensão da heterodoxia e dualidade do projeto poético romântico do autor, pois reúne, justamente, a obra até então excluída, aquela que nega as negações da unidade de escola. Finalmente, no estudo biográfico feito por Basílio de Magalhães, *Bernardo Guimarães ó Esboço Biográfico e Crítico*, que abordará toda a vida e obra do escritor, inclusive a poesia satírica, encontraremos a imagem completa e a dualidade romântica do poeta, movida pela heterodoxia da poesia satírica, para a qual Magalhães chamará atenção classificando-a como *öphantasia hoffmanesca.ö*

Os poemas satíricos de Bernardo Guimarães, segundo Basílio, já eram bem conhecidos popularmente. É raro o mineiro que não o sabia de cor, ao falar do *Elixir do Pajé*. Mas mesmo neste estudo de Magalhães, o poema em questão não é abordado, e sim apenas mencionado. Até recentemente, portanto, o *Elixir do Pajé* não havia sido oficialmente publicado. Circulava em algumas publicações clandestinas e só chegou até nós por permanecer vivo na memória popular. Foi escrito em 1875 e transmitido de geração à geração, até nossos dias, tanto de forma oral quanto de forma escrita.

Na *História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi reduz Bernardo Guimarães a um mero regionalista, concordando com a tendenciosa opinião de Lobato sobre o poeta, que também o diminui a um mal *õdescriptor do mato.õ*

Todavia, para além do projeto de escola e da crítica preliminar a respeito dele, Bernardo Guimarães foi um crítico do próprio fundamento romântico. Em a *Origem do Menstruo*, por exemplo, vemos uma sátira violenta ao universo das musas, diversas vezes invocado pelos poetas românticos. No poema, o poeta ridiculariza ainda a poesia mãe de todas as poesias ocidentais ó a poesia greco-romana ó aquela que dava sempre uma explicação divina para todas as coisas.

Em Silvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira*, encontra-se também apenas uma menção a essa poética de Guimarães, a que o crítico chama de *õLirismo Humorístico.õ* Esta obra de volume monumental sobre a história da Literatura brasileira é, entretanto, criticada por outro ensaísta e poeta, Péricles Eugênio da Silva Ramos, que reforça, todavia, o mesmo descaso de Romero em relação à poesia de Guimarães. Menciona-a, aproximando-a do byronismo, assim como explica diversas manifestações da literatura brasileira: como meros vetores europeus.

Se consideramos as anotações que fez Capistrano de Abreu sobre o nosso Romantismo para *O Globo*, na longínqua data de 18 de dezembro de 1875, atestaremos que a fala de Ramos é deveras ingênua perto do que disse, segundo *Bandeira*, o mestre Capistrano:

Como se vê, para Capistrano o indianismo, longe de ser a planta exótica mal transplantada pelos românticos, tinha raízes fundas em nossa literatura popular. A idealização do índio correspondia perfeitamente ao sentimento nacional: ela é anterior ao romantismo e não desapareceu com ele. Será se quiserem um erro nacional. O que me parece inadmissível querer filiar o indianismo romântico à simples influência de Chateaubriand e Fenimore Cooper. [ABREU, 1875]

Essa fala de Capistrano se aproxima do que *Octavio Paz* nos diz em *Os Filhos do Barro*: “A imaginação não está no homem, ela é o espírito do lugar e do momento (...).” Dizer, portanto, que o indianismo, em sua forma idealista em Gonçalves Dias e em sua forma satírica em Bernardo de Guimarães, é uma reverberação da poesia romântica europeia é, portanto, um grande equívoco e, por isso mesmo, evitado por Capistrano e corroborado mais tarde por Bandeira.

Outro ensaísta de prestígio, que analisou de fato a poética de Bernardo de Guimarães, foi Antonio Candido. Em sua *Formação da Literatura Brasileira*, no capítulo destinado a Bernardo Guimarães, poeta da natureza, aborda todos os momentos da poesia do escritor: “O mundo na Paisagem, Isolamento e Saudade e Humor e Satanismo.” Nesta última parte, menciona a poesia obscena do poeta, mas não consegue avançar na análise nem se presta a destacar a sua importância no cômputo da dualidade romântica brasileira.

Bandeira, em seu prefácio, ressalta que Capistrano foi quem falou primeiramente da importância da sátira no Romantismo brasileiro, a partir de seu olhar para o conto romântico, o que, por extensão, certamente, pode ser redirecionado para a poesia de Guimarães:

Esses contos, tendo por herói eterno o caboclo e o marinheiro, são os documentos mais importantes para a nossa história, e escrevê-la sem estudar os contos satíricos é tão ilusório como apanhar o caráter nacional sem interpretar os contos épico-fantásticos. [Manuel Bandeira, 1965]

Se o Romantismo, segundo Jacob Guinsburg, em *Romantismo, Historicismo e História*: “É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente”, o *Elixir do Pajé* não pode ser considerado um mero poema para divertimento de quem lê. Embora o autor possa ter tido a intenção de atingir o cômico, não podemos deixar de perceber que o artista encontrava-se sob regência de um *Gênio* corrente.

O *Elixir do Pajé* possui, portanto, a sua relevância histórica, se levarmos em conta o pensamento de Capistrano. Não seria só uma resposta humorística e contraditória à badalada poética indianista de Gonçalves Dias, contra a qual Bernardo Guimarães possuía uma profunda aversão, declarada em prefácio do seu livro *o Ermitão de Muquém*:

(...) os usos e costumes dos povos indígenas do Brasil estão envoltos em trevas, sua história é quase nenhuma, de suas crenças apenas restam noções isoladas, incompletas e sem nexos. O realismo do seu viver

nos escapa, e só nos resta o idealismo, e esse mesmo mui vago e em grande parte fictício. [GUIMARÃES, 1869, Prefácio]

Lendo as palavras de Guimarães, podemos inferir que toda sua obra ó e não só alguns poemas satíricos fazem parte de um projeto romântico dual; é muito mais que uma simples resposta ao pensamento indianista do Romantismo, já que seus temas também advém de elementos nativos, como o caboclo e o caipira, elementos muito mais presentes na vida cotidiana brasileira que o próprio indígena, de quem pouco se conhecia, de fato, à época.

Podemos considerar assim, que o *Elixir do Pajé* configura-se como uma reflexão, um lugar de se pensar a respeito do que se elaborou naquela literatura de que a obra faz parte. Não é indianismo, mas surge a partir dele. Nega a idealização de Gonçalves Dias, ridicularizando-a e trazendo da vida cotidiana um tema mais banal ó a sexualidade nua e crua ó para assumir lugar no cenário do elevado projeto indianista. Com isso, o poeta destrói a idealização romântica, utilizando-se, entretanto, de seus elementos primários constitutivos. Desconstrói, reformula humoristicamente essa vertente do pensamento romântico brasileiro, propondo seu redirecionamento para uma temática mais correspondente ao real. Nesse sentido, funda, portanto, uma nova proposição romântica pela via da negação e da aceitação da dualidade histórica da cultura.

Destruição, desconstrução e negação, elementos da *Tradição da Ruptura*, de que nos fala Octavio Paz: *õA idade moderna não é apenas filha da idade crítica, mas é também crítica de si mesma.õ*

A literatura de Bernardo Guimarães se faz assim, mais do imaginário cultural popular do que de vertentes estrangeiras. Desse modo, sua sátira se propõe tanto para seu tempo como predecessora de um contraponto, quanto como um legado para manifestações literárias seguintes. Eis o porquê da importância conferida pelos modernistas ao poeta Bernardo Guimarães e sua sátira que, aqui, colocamos como fundadora.

Vertentes como o naturalismo de um Aluísio Azevedo ou como o romantismo satírico de um Bernardo Guimarães não podem, portanto, continuar sendo lidas como meros estrangeirismos, bem ou mal traduzidos para a cultura artística nacional brasileira, como sugere uma crítica brasileira mais corrente, antes, precisam ser retomadas e ressignificadas como expressão estética daquilo que já estava, no Brasil, fortemente presente como representações de um imaginário popular do século XIX.

REFERÊNCIAS:

- ANTOLOGIA livre. *Poetas Românticos Brasileiros*. V. I, II, III. São Paulo: Amadio, s/d.
- BANDEIRA, M. *Antologia de Poetas Brasileiros da Fase Romântica*. Revisão crítica por Aurélio Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- _____. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Ed. Edições de Ouro, 1965.
- _____. *Noções de Histórias das Literaturas*. São Paulo / Rio de Janeiro: Ed. Cia. Editora Nacional, 1942.
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BRAIT, B. *õO saboroso elixir do Pajé que a escrava Isaura não ousou degustarõ*. São Paulo: Universidade de São Paulo, s/d.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. v.2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- FACIOLI, V. *Antologia de Poesia Brasileira: Romantismo*. 6. ed. São Paulo: Bom Livro, 1988.
- GOMES, E. C. M. *õO que há de viver, o que há de morrer. Leitura comparativa do Elixir do Pajé e I-Juca-Piramaõ*. Universidade Federal de Ouro Preto, VIII Semana de Letras DELET/ICHS/UFOP.
- GONÇALVES, M. T. *Antologia de Antologias: 101 Poetas Brasileiros revisitados*. São Paulo: Musa, 1997.
- GUIMARÃES, B. *Elixir do Pajé*. Belém: Publicação digital da Universidade do Amazonas. NEAD ó Núcleo de Educação à Distância. www.nead.unama.br.
- GUIMARÃES FILHO, A. de. *Poesias Completas de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1959.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MACHADO, D. *Bernardo Guimarães: Poesia Erótica e Satírica*. São Paulo: Imago, s/d.
- MAGALHÃES, B. *Bernardo Guimarães: Esboço Biográfico e Crítico*. Rio de Janeiro: Typographia do Anuário do Brasil, 1926.
- PARANHOS, H. *História do Romantismo no Brasil 1500-1530*. v. 1. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.
- _____. *História do Romantismo no Brasil 1830-1850*. v. 2. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.
- PAZ, O. *Os filhos do Barro do Romantismo à Vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- RAMOS, P. E. da S. *Do Barroco ao Romantismo: Estudos de Poesia Brasileira*. v. 7. 2. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura do Estado do São Paulo, 1979.

_____. *Poesia Romântica*: Antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

RIBEIRO, J. *Crítica*. v. 1. Clássicos Românticos Brasileiros. Organização, Prefácio e Notas de Mucio Leão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.

ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira*. Tomo 2. 1830-1870. 2. ed. melhorada pelo autor. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1903.

ROSSEAU, J. J. *Os devaneios do Caminhante Solitário*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

SOUZA, T. R. D. de. *A Representação Erótica do Índio no Elixir do Pajé, Bernardo Guimarães*. Revistas Digitais ó UniBH ó WWW.unibh.br/revistas/ehum

ABSTRACT: This article discusses an unusual theme in Brazilian literary criticism: romantic satire. In particular, points to aspects of satirical poetry of Bernardo Guimarães, as opportunity to treat dualities present in the romantic Brazilian art project, as presented in the aesthetic design of own and how romantic would perform later as aesthetic echoes in modern writers.

KEY WORDS: Romanticism. Poetry. Bernardo Guimarães. Satire.

Envio: outubro/2016
Aceito para Publicação: Novembro/2016